



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: POSSÍVEIS CARACTERÍSTICAS EM COMUM DOS CASOS QUE REPERCUTIRAM NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Josefa Dayane do Nascimento Costa ¹
Marclene Assunção Ferreira ²
Thayná Gomes Pereira ³
Orientadora: Andreína da Silva Moura ⁴

RESUMO

Este artigo tem como foco a análise das possíveis características em comum dos casos de violência contra a mulher que repercutiram nos meios de comunicação no Brasil, tem como objetivo identificar os casos de violência que tiveram maior repercussão, analisar as características em comum desses casos e comparar os padrões de repetições existentes, tais como: a relação com o agressor, a raça e classe social. Visto que, alguns casos de violência se tornam de conhecimento público, enquanto outros casos recebem pouca atenção da mídia. O referencial teórico-metodológico se fundamenta nas principais concepções acerca do fenômeno da violência contra mulher, nas legislações vigentes e em dados de notificações públicas, além das conceituações sobre os meios de comunicações e suas implicações a respeito da temática. A partir dos dados levantados, identificou-se que há um padrão de classificação no que concerne os casos de maior destaque midiático, esta classificação foi entendida como possíveis características das vítimas, por exemplo, os casos com maior visibilidade estão relacionados às mulheres brancas, ao passo que os casos ocorridos com mulheres negras não ganham a mesma repercussão.

Palavras-chave: Violência, violência contra a mulher, mídia, mulher, repercussão.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, quando se pensa no fenômeno violência, é comum relacionar o termo com o ato da agressão física. Desta forma, antes de adentrar no tema em questão, é importante que seja considerada a abrangência que esta palavra alcança. Neste sentido, compreende-se que a violência é entendida como toda ação que possa acarretar algum dano ao indivíduo, tal dano pode ser na integridade física, psicológica, moral, entre outros (ROCHA; CORRÊA, 2006).

Segundo Fonseca, Ribeiro e Leal (2012), existem diferentes tipos de violência. A violência física, psicológica, institucional, sexual, patrimonial e moral. Isto posto, a violência

¹ Graduanda do curso de psicologia UNIFACEX- RN, dayane52w@gmail.com

² Graduanda do curso de psicologia UNIFACEX- RN, marclene.af@gmail.com

³ Graduanda do curso de psicologia UNIFACEX- RN, thaynaapereira@gmail.com

⁴ Professor orientador: Doutora em Psicologia, andreinamoura@gmail.com



física se expressa pelo o ato de gerar danos corporais, através de qualquer ação que coloque em risco a plenitude da mulher, já violência psicológica é a ação que causa sofrimento psíquico, visando a diminuição da autoestima, crescimento pessoal e emocional da mulher, por outro lado, a institucional é praticada nas instituições como hospitais, postos de saúde, escolas, delegacias, judiciário e ainda a violência sexual que se caracteriza pelo ato sexual feito com a ausência do consentimento da mulher, mediante a força física, intimidações e ameaças, também a violência patrimonial sendo caracterizada por diminuição, prejuízos e estragos a coisas e documentos particulares, Além da Violência moral é o ato que propõe falso testemunho e injúria contra a imagem de uma mulher.

A violência doméstica é designada dentro do âmbito familiar, representada por uma agressão provocada pelo parceiro íntimo ou familiar próximo contra a mulher. Em alguns casos, a recorrência da violência pode levar ao feminicídio, um crime caracterizado pelo assassinato de mulheres (DAY et al., 2003).

O feminicídio é a última e mais violenta forma de violência contra a mulher, é quando a vida é ceifada pelo fato de ser mulher. São diversas motivações, porém nenhuma delas justifica o crime. As causas mais comuns são o ódio, o descontrole, sentimento de posse e a perda daquela em que os parceiros julgam ser donos. É comum que esse tipo de crime seja cometido principalmente por parceiros íntimos da vítima, no âmbito de violência doméstica e normalmente a vítima já passa por outras formas de violência. O feminicídio é algo visto em todo mundo como um crime de gênero que vem sempre repleto de muita raiva e rancor, em que o executor quer o aniquilamento da vítima. É um crime carregado de machismo, desigualdade e prepotência (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2018).

A lei nº 13.104/2015 prevê o crime de feminicídio como crime hediondo, caracterizado por ser um crime cometido contra a mulher, crimes que envolvem violência doméstica, desprezo e ódio pela circunstância de ser mulher. A lei Maria da Penha (lei nº 11.340) vem amparar a mulher contra crimes caracterizados como violência doméstica, todo aquele que cause algum tipo de dano, sofrimento físico e psicológico, dando ao patrimônio e moral (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2018).

No cenário da violência contra a mulher, existe o chamado ciclo da violência, este ciclo funciona da seguinte forma, ocorre o momento da violência, ao se deparar com a reação de espanto da vítima, o agressor então se mostra arrependido diante da situação, na qual faz promessas de mudanças, em sua grande maioria dos casos relatando que esse comportamento não irá se repetir, posteriormente o comportamento se repete, desta forma, o ciclo não tem



fim, sempre voltando ao momento da violência. Por diversas vezes as mulheres vítimas de violência não percebem que se encontram dentro desse ciclo. Haja vista que as mulheres em sua grande maioria acreditam na mudança de comportamento do seu parceiro, fazendo com que o ciclo nunca tenha um fim (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

A violência contra mulher costuma ser mais frequente em sociedades nas quais prevalece a cultura patriarcal, as mulheres estão mais propensas a serem vítimas dessa violência de gênero. Desde o início do seu desenvolvimento, é imposto que são inferiores aos homens, por vezes acarreta a submissão delas para esses indivíduos. A cultura pode ser considerada como uma grande responsável pela frequência e continuidade da violência de gênero na sociedade, mudar a cultura de uma sociedade não é uma tarefa fácil, requer muito esforço dos membros inseridos nela, por ser algo lento em termos de construção no tempo e ser complexo adentrar no mundo das resistências individuais e coletivas na ordem das mudanças de valores e crenças (BLAY, 2003).

Ao longo da história do Brasil, o cenário cultural passa por constantes mudanças, no que diz respeito às mulheres, estas vêm conquistando diversos espaços na sociedade. Atualmente experienciam a quebra do estereótipo feminino, na qual entendiam que não poderiam trabalhar fora de casa, estudar, muito menos votar, também não ocupariam profissões antes classificadas como apenas masculinas. Apesar de todas essas mudanças, ainda não é o suficiente para que os casos de violência contra a mulher apresentem redução significativa (BLAY, 2003).

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: TELEVISÃO E INTERNET

Os meios de comunicação em massa são ferramentas usadas na transmissão de informações e mensagens a um grande número de pessoas ao mesmo tempo (CARNEIRO; LIMA, 2010). Dentre essas ferramentas, estão, a televisão e a internet que podem se complementar na propagação de informações, uma vez que atualmente pode-se presenciar inúmeras notícias que ganham repercussão em ambos os veículos de comunicação ou que foram noticiados a partir de um deles em primeira mão. As notícias podem ter início em um programa de televisão e tem sua propagação através da rede de internet.

Os meios de comunicação em massa constituem papel importante na vida das pessoas, sendo considerados ferramentas de influência para o desenvolvimento da visão de realidade sobre o mundo. No que diz respeito ao que está sendo comunicado, os veículos de notícias, ganham destaque entre os meios de comunicação que para muitos viram rotina o consumo de determinados temas apresentados (TEMER, 2007).



As manchetes dos casos de violência costumam despertar muito interesse da população em geral, desta forma, as grandes mídias passam a dar ênfase às notícias que potencialmente serão geradoras de audiências, que por sua vez, aumentarão os lucros. Ou seja, as ferramentas de comunicação passam a emitir conteúdos que se tornam mercadorias, ao invés de transmitir informações mais pertinentes a respeito dessa temática que pudesse contribuir para transformação de hábitos culturalmente fortalecidos, como a violência (PEREIRA, 2011).

Atualmente, é crescente o número de casos de violência contra mulher que viram notícias na televisão e na internet. Estes casos se apresentam em diferentes características e ganham grandes proporções nos meios de comunicação em geral. Se por um lado pode ser uma oportunidade de possibilitar a expressividade de muitas vítimas que podem se sentir de alguma forma representadas nos casos noticiados, por outro lado, pode significar uma exposição invasiva e/ou controversa dos fatos. Assim, as formas de transmitir as notícias podem assumir cenários ambíguos, ao mesmo tempo em que passam a mensagem de culpa do acusado, transferem de forma implícita a responsabilidade para a vítima (BLAY, 2003; FAIRCLOUGH, 1995 apud CARDOSO; VIEIRA, 2014).

Um estudo realizado no município de Macaé, Rio de Janeiro, cujo objetivo foi analisar a influência da mídia na vida das mulheres que sofrem violência, concluiu que embora a mídia use desse tipo de notícia para obter lucros, ela também pode contribuir para a divulgação de serviços de atendimentos às vítimas e que poderia ser um instrumento mais efetivo no que diz respeito a essa divulgação, como por exemplo mais investimentos na realização de campanhas educativas acerca da temática, uma vez que a informação é um instrumento importante na redução dos índices de violência contra a mulher (PEREIRA, 2011).

De acordo com o Mapa da Violência contra a Mulher de 2018, foram notificados 68.811 casos de violência contra a mulher classificados em importunação sexual, violência online, estupro, feminicídio e violência doméstica. Desses casos, 14.796 foram casos de violência doméstica divulgados pela imprensa brasileira entre janeiro e novembro de 2018, distribuídos em todos os estados. Em 58% dos casos, os agressores são namorados, esposos e ex; a maioria das vítimas se concentram na faixa etária de 24 e 36 anos (BRASIL, 2018).

Diante do crescente número de notícias sobre violência contra a mulher e o elevado interesse do grupo o acerca da temática, surgiu o anseio de compreender os aspectos presentes nos casos de violência que viraram notícias nos últimos anos, considerando que muitos casos



não são evidenciados pela mídia e descobrir possíveis motivos pelos quais muitos não ganham repercussão nos noticiários, em contrapartida aos que ganham demasiada repercussão.

É perceptível a presença de algumas características em comum dos casos de violência contra a mulher, em sua maioria, tais características podem contribuir com a grande repercussão nas mídias sociais, assim esta pesquisa teve como objetivo geral demonstrar as características em comum dos casos de violência contra as mulheres que tomaram grande repercussão na televisão e internet. E teve os seguintes objetivos específicos: Identificar os casos de violência que tiveram maior repercussão no Brasil; Analisar as características em comum desses casos; Comparar os padrões de repetições existentes: relação com o agressor, a raça e classe social.

Assim, os resultados obtidos apontam a prevalência de características em comum existente nos casos de violência em destaque pela mídia. O casos que ganham maior atenção da mídia, possuem características específicas de classe social e raça, a qual ganham maior atenção as vítimas de classe alta e média. Em termos de raça, as vítimas de cor branca ou parda tem maior repercussão dos seus casos.

Portanto, embora existam notícias de casos com vítima de todas as classes sociais e raça, poucos são os casos que ganham maior repercussão, evidenciado-se aqui, um favorecimento de caráter discriminatório por parte da mídia que subnotifica os casos, gerando assim, uma percepção desproporcional acerca da realidade.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, pois de acordo com Furlan (2017), no sentido de atividade científica, a pesquisa qualitativa é caracterizada como um método que utiliza da observação e reflexão acerca do fenômeno investigado, sendo de caráter descritivo, pois tem o objetivo de descrever as características, (GIL, 2002). O levantamento de dados foi realizado por meios eletrônicos de informações.

O instrumento utilizado foi um quadro de comparação, confeccionado pelo grupo, que versou sobre as possíveis características em comum dos casos de violência contra a mulher noticiados pelos meios de comunicação, por exemplo, qual a relação com o agressor, a raça e classe social da vítima, como a notícia foi compartilhada e quais os meios usados para a

divulgação das informações, redes sociais e/ou websites. Foi utilizado como amostra os dados eletrônicos informativos.

Anteriormente a realização da pesquisa, foi realizado um estudo piloto com o objetivo de testar o instrumento. Após isso, iniciou-se a coleta propriamente dita. Essa pesquisa não necessitou passar pelo comitê de ética, pois se trata de uma atividade de caráter exclusivamente educativo, ensino ou prática sem objetivo científico de alunos da graduação (BRASIL, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

| CASOS | CARACTERÍSTICAS | | | | |
|---|------------------------|--------|---------------|--|-----------|
| | Relação com o agressor | Raça | Classe social | Compartilhamento (websites e redes sociais) | Ocupação |
| <p>Tatiane Spitzner, 29 anos: Uma jovem é encontrada morta em seu apartamento, após denúncia dos vizinhos à polícia, relatando que uma mulher teria caído do 4º andar do prédio. Ao chegar no local, a polícia entrou no apartamento, encontrando Tatiane já sem vida. As câmeras de segurança do prédio mostraram a sua queda do 4º andar, logo em seguida, seu marido levando seu corpo de volta ao apartamento, bem como agressões sofridas que antecederam o momento da queda.</p> | Esposa | Branca | Classe Alta | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Advogada |
| <p>Eva Luana da Silva, 21 anos: Uma de jovem é estuprada e torturada pelo padrasto desde os seus 12 anos de idade, Eva relatou sobre seu caso em sua rede social, a qual falou sobre as agressões sofridas por ela e sua mãe, como, estupros, abortos, cárcere privado, perseguição, tortura, dentre outros.</p> | Enteada | Branca | Classe média | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Estudante |
| <p>Isabela Miranda de Oliveira, 19 anos: Jovem é encontrada morta após ter sido queimada pelo namorado. O namorado entrou no quarto em que Isabela estava com o seu cunhado na cama, ocasião em que foi</p> | Namorada | Branca | Classe média | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, | Estudante |

| | | | | | |
|--|--------------|--------|--------------|--|--------------------|
| abusada por ele. Isabela também sofreu agressões da irmã de seu namorado. | | | | blogs, Youtube. | |
| Adolescente menor de idade, 16 anos: A adolescente foi violentada coletivamente por aproximadamente 30 homens. Ela havia ido se encontrar com um homem e estava a sós com ele em uma casa, em seguida não lembra mais o que ocorreu, ela já acordou com vários homens em um quarto, estava nua e dopada em outra casa. Em seguida foi para a sua residência, ao chegar descobriu que foram gravados vídeos e fotos suas durante o crime. | Conhecida | Parda | Classe baixa | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Estudante |
| Luiza Brunet, 54 anos: Luiza estava no apartamento com o marido em Nova Iorque, após um desentendimento o marido deu um soco em seu olho, em seguida deu vários chutes que fraturou quatro de suas costelas. | Esposa | Branca | Classe alta | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Atriz e empresária |
| Juliana Feroldi, 35 anos Blogueira baiana publica vídeos e denuncia agressões de marido empresário. Juliana Feroldi relatou ter sido espancada pela primeira vez em 2017. Segundo ela, a briga mais recente foi por divergência política no período eleitoral, quando o companheiro teria ameaçado arremessar o lado do carro em que ela estava em um poste. | Esposa | Branca | Classe alta | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Blogueira |
| Kelly Cristina Cadamuro, 22 anos Jovem é morta após combinar carona por app, foi amarrada por corda e arrastada. | Desconhecida | Branca | Classe média | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Radiologista |

| | | | | | |
|---|--------|--------|-------------|--|------------|
| <p>Poliana Bagatini Chaves, 29: A vítima registrou um boletim de ocorrência contra o marido, Victor Chaves. A assessoria de imprensa da Polícia Civil de Minas Gerais informou que Poliana afirmou ter sido derrubada no chão e chutada diversas vezes. Victor negou as acusações e falou sobre o caso no programa Fantástico. Depois, Poliana retirou as acusações.</p> | Esposa | Parda | Classe alta | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, Youtube. | Empresária |
| <p>Cristiane Machado, 35 anos: A vítima gravou um vídeo em que sofre agressões do marido, o empresário Sergio Schiller Thompson-Flores, em sua casa no Rio de Janeiro. Os vídeos mostram Sergio empurrando, batendo e tentando enforcar Cristiane. Gravações de celular mostram também ameaças feitas pelo empresário contra a atriz e sua família.</p> | Esposa | Branca | Classe alta | Programas jornalísticos de Televisão, facebook, instagram, twitter, Páginas de notícias, blogs, YouTube. | Atriz |

IDADE

Junto a identificação da vítima, achou-se por bem acrescentar a informação da idade. Desta forma, levantou-se um caso com idade de 16 anos, um caso com 19 anos, um caso com 21 anos, um caso com 22 anos, um com 54 anos, dois casos com 29 anos e dois casos com 35 anos. Com isso, pode-se inferir que entre os casos analisados houve predominância entre as faixas etárias entre 20 e 29 anos, estando em conformidade com Sistema de informação de agravos de notificação do Ministério da Saúde, que notificou 129.670 casos de violência doméstica, sexual e/ou outras violências no Brasil, entre os anos de 2015 e 2017, na idade supracitada (BRASIL, 2019).

RELAÇÃO COM O AGRESSOR

Dentre os nove casos apresentados, cinco das vítimas eram casadas com o agressor, uma era namorada, uma enteada, uma era conhecida e uma o agressor era desconhecido. Esses dados incidem sobre as informações divulgadas recentemente na pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” na qual aponta que há um padrão no que diz respeito à relação com o agressor, sendo na maioria dos casos cometidos por alguém conhecido da vítima, destacando o cônjuge, companheiro, namorado, vizinho, ex cônjuge, ex companheiro e ex namorado; ainda na pesquisa, há um dado relevante acerca da



situação de desconhecido, sendo 28,2%, no total de 2.084 entrevistas (Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019).

RAÇA

Com base na pesquisa realizada, foram expostos nove casos de violência contra à mulher, desses nove casos, sete das vítimas são brancas e duas são pardas. A partir disso, notou-se que o índice de repercussão dos casos de violência contra à mulher ganham maior visibilidade quando está relacionado às mulheres brancas, ao passo que os casos ocorridos com mulheres negras não ganham a mesma repercussão, embora os dados divulgados na pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” demonstram que as mulheres pretas têm uma maior vitimização nos casos de violência, apresentando 28,4% dos casos, seguido de 27,5% mulheres pardas e 24,7% mulheres brancas. Nos casos de ofensa sexual as mulheres estão entre os 9,5% dos casos e as mulheres pretas ocupam 13,3%, em contrapartida as mulheres brancas ocupam 6,5% dos casos (Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019).

CLASSE SOCIAL

A partir dos dados obtidos na presente pesquisa, em relação a classe social das vítimas de violência, evidenciou-se cinco casos de classe alta, três de classe média e uma de classe baixa. De acordo com esses dados obtidos, notou-se que os casos que ganharam grande repercussão na mídia são os casos de vítimas de classe social elevada, enquanto os casos de vítimas que estão em vulnerabilidade socioeconômica não ganham repercussão na mídia, ao passo que a violência contra à mulher ocorre em diferentes níveis de classe social.

COMPARTILHAMENTO

Considerando os nove casos descritos, foi possível observar que todos os compartilhamentos foram realizados nos mesmos meios midiáticos, no entanto, foi perceptível compreender que os casos compartilhados em programas de televisão com alto índice de audiência obtiveram maior repercussão, uma vez que os compartilhamentos permeavam para as redes sociais, como Instagram, Facebook, Twitter e as outras descritas na tabela, gerando assim um aumento na visibilidade dos casos, motivando a comoção e sensibilização da sociedade no que tange os casos de violência contra mulheres.

OCUPAÇÃO

A partir dos dados obtidos, observou-se que uma das vítimas era advogada, outra radiologista, uma blogueira, uma empresária, três estudantes e duas atrizes, uma destas exercia duas ocupações, sendo ela também empresária. Segundo Datafolha e Fórum Brasileiro



de Segurança Pública (2019), no que concerne à escolaridade, as mulheres com nível superior conforme as estatísticas são as que menos sofrem violência doméstica 30,8%, no entanto, de acordo com os dados apresentados esses são os casos que ganham maior repercussão nas mídias, embora as estatísticas apontem que as vítimas que mais sofrem violência doméstica são aquelas que possuem apenas o nível fundamental de ensino com 55,3%. Desta forma, os casos com maiores repercussões são os que mostram mulheres com nível superior de ensino e/ou atividades que demonstram maior facilidade de acesso a informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da presente pesquisa, foi possível identificar algumas características em comum dos casos de violência contra a mulher que ganharam grande repercussão nos veículos informativos, notou-se que embora os casos de violência ocorram em todas as classes sociais, raça, idade e ocupação, apenas alguns casos ganham repercussão na mídia. Os casos que se destacam na mídia possuem características, como a classe social, a qual ganham maior destaque as vítimas que possuem de classe média a classe alta. A repercussão é maior nos casos em que as vítimas são jovens, bem como a raça, na qual as vítimas em destaque foram de raça branca ou parda. A proximidade com o agressor é outro fator que contribui para uma maior repercussão na mídia, sendo destaque quando o agressor é próximo a vítima, sendo ele o marido, namorado ou cônjuge, esta característica condiz com os dados de notificações dos casos de violência.

Em sua maioria, os casos que ganham o interesse da mídia precisam se classificar nas características relacionadas anteriormente para que ganhem repercussão, embora existam inúmeros casos de violência que não são noticiados, pois não se classificam. Tal prática dos veículos informativos causa um grande impacto negativo no que diz respeito à divulgação dos casos, visto que ocorre uma segregação das vítimas, bem como provoca a invisibilidade dos casos que não são considerados atrativos pela mídia, impossibilitando assim, a visibilidade real da proporção dos casos de violência contra a mulher.

Neste sentido, ressalta-se que a característica da faixa etária, sendo mais visíveis os casos de mulheres jovens, com exceção de vítimas que já tenham alguma imagem pública e a característica da ocupação das vítimas, implica em uma ideia de representatividade que pode incidir negativamente em vítimas de mais idade e que tenha a ocupação de dona de casa, pois estas podem se sentirem nulas diante do cenário de violência, invalidando sua posição



enquanto vítima, além de desencorajar o processo de denúncia, uma vez que a sociedade pode não reconhecê-las como vítimas pois não fazem parte do padrão do apresentado nas notícias.

Considerando o padrão de notícias, no que se refere a raça, é perceptível a predominância de casos com grande repercussão em que as vítimas são brancas ou pardas, no entanto os dados estatísticos de violência são maiores em mulheres negras, principalmente nos casos de homicídio, conforme aponta Amarante (2019), mas em sua maioria os casos que envolvem mulheres negras não são notificados nos meios informativos de peso nacional, sendo apenas notificados em jornais e blogs regionais. Embora não tenha sido mencionado, no decorrer da pesquisa foi possível visualizar a existência de inúmeros casos desconhecidos da grande maioria da população que apresentavam tais características de raça, que mesmo estando em um veículo informativo, não ganhou destaque nacional.

A pesquisa possibilitou refletir de forma crítica acerca das notícias sobre a violência contra mulher no cenário atual, confirmando as hipóteses levantadas no processo no que concerne às características de raça e ocupação. Embora sabendo-se que há muitos casos que nem mesmo são denunciados ou notificados, ainda assim, no decorrer do levantamento bibliográfico observou-se uma grande divergência entre os dados de notificações e os casos noticiados.

Em virtude das informações apresentadas, compreende-se que os meios de comunicação desempenham um papel importante na disseminação de conteúdo, no entanto, essas ferramentas na maioria das vezes, acabam sendo usadas apenas como recursos para geração de lucros financeiros, desperdiçando sua função social, uma vez que possui um alcance significativo que poderia contribuir no processo de conhecimento e autonomia por meio da representatividade no que diz respeito ao tema de violência contra a mulher, sem classificação ou segregação, levando informações realísticas a população.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Suely. Violência contra as mulheres vem crescendo no Brasil, 2019. **Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)**. Disponível em <<https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-vem-crescendo-no-brasil>> Acesso em 14 dez 2019.

BRASIL, CÂMARA DOS DEPUTADOS - Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. **Mapa da Violência contra a Mulher - 2018**. Disponível em <https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf> Acesso em 17 maio 2019.

_____. Plenário do Conselho Nacional de Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016**. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em 17 maio 2019.



____ Ministério da Saúde. DATASUS - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E/OU OUTRAS VIOLÊNCIAS - BRASIL. 2019. Disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinanet/cnv/violebr.def>> Acesso em: 07 dez 2019.

BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 17, n. 49, p.87-98, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300006&script=sci_arttext> Acesso em 10 Abril 2019.

CARDOSO, Isabela; VIEIRA, Viviane. A mídia na culpabilização da vítima de violência sexual: o discurso de notícias sobre estupro em jornais eletrônicos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 69-85, dez.2014. Disponível em <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/486>> Acesso em 17 Maio 2019.

CARNEIRO, Mirian Chaves, LIMA, Sulamita Nagem Dias. **Meios de comunicação de massa: rádio, revista, televisão, internet...** 2010. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23555>> Acesso em 17 maio 2019.

DAY, Vivian Peres, et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.9-21, abr. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1.>> Acesso em 07 de maio de 2019.

DATAFOLHA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 2019.** 2ª Edição. Disponível em <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>> Acesso em 12 dez. 2019.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 2, p.307-314, abr. 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.>> Acesso em 10 maio 2019.

FURLAN, Reinaldo. Reflexões sobre o método nas ciências humanas: quantitativo ou qualitativo, teorias e ideologias. **Psicologia USP**, v. 28, n. 1, p. 83-92, 2017. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/130687>> Acesso em 29 maio 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Feminicídio.** Disponível em <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/violencias/feminicidio/>> Acesso em 13 maio 2019.

PEREIRA, Claudia Nolasco de Abreu. **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E MÍDIA:** Um estudo sobre a influência da mídia nas violências cometidas as mulheres do município de Macaé/RJ. 2011. Disponível em <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4976/1/TCC%20CLAUDIA%20NOLASCO.pdf.>> Acesso em 13 de maio de 2019.

RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise. Violência Doméstica e Transgeracionalidade: Um Estudo de Caso. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p.47-51, Jan-Jun 2014. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Denise_Falcke/publication/284345309_Violencia_Domestica_e_Transgeracionalidade_Um_Estudo_de_Caso/links/578799d608aedc252a935ed4/Violencia-Domestica-e-Transgeracionalidade-Um-Estudo-de-Caso.pdf.> Acesso em 17 maio 2019.

ROCHA, Fernanda dos Santos; CORRÊA, Walkiria Ozório. A violência contra a mulher em ambiente doméstico no município de Natal/RN. **Àgora: Revista Jurídica da FAL**, Natal, v. 2, n. 2, p.185-198, jan./dez. 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias.** 2007. Disponível em <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/280/273>> Acesso em 15 maio 2019.